

*Anotações, relances, colagens, inventários:*  
Os diários inéditos de Walmir Ayala

Beatriz Damasceno

O diário, mantido por muitos escritores, é um gênero que favorece uma rica reflexão sobre o meio cultural e sobre a oficina de criação do artista. É o registro feito “a quente”, tornando-se material valioso para o pesquisador e uma fonte de análise e entendimento do panorama literário. O escritor Walmir Ayala escreveu diários por muitos anos. Parte deles – de 1956 a 1962 – já está publicada, entretanto ainda há manuscritos e datiloscritos inéditos com inúmeras reflexões sobre vida, morte, poesia, religião, sexualidade, além de apresentar uma ampla visão das Artes plásticas e Literatura da segunda metade do século XX.

Neste artigo, com a finalidade de mostrar o quanto há de novidade e ainda guardadas nas gavetas do escritor, será apresentado o diário inédito *Sangue na Boca (Diário IV)*, que corresponde ao período de 02 de janeiro de 1962 a 24 de dezembro de 1963.

O pesquisador que se dedica à leitura atenta do diário de um escritor percebe que essa escrita é desafiadora, ela não se propõe a um fim, é uma escrita de continuidade e oscilações, pois acompanha e é cúmplice da vida do diarista, tornando-se um registro por vezes necessário ao reconhecimento e à observação de si mesmo. E, como já afirmara Maurice Blanchot, passa a ser uma responsabilidade porque “deve respeitar o calendário (...) O calendário é seu demônio, o inspirador, o compositor, o provocador, o vigilante” que o impele à autoanálise constante e insistentemente. Além disso, é uma apresentação fragmentada, as reflexões são feitas a altura do acontecimento, portanto sempre sujeitas a novas elaborações, com isso o diário funciona como oficina de criação e experimentação. O que não o enfraquece, pelo contrário, o registro traz uma construção do pensamento, pautado na continuidade, nos paradoxos, nas interrogações. Assim, o gênero diário, composto por fragmentações, remete-se à reflexão de Benjamim quando observa esse exercício da cesura e dos cortes como industriabilidade do artista.

Pois somente o mais fraco, o mais disperso encontra sua incomparável alegria no concluir e se sente com isso devolvido à sua vida. Para o gênio, toda e qualquer cesura, os pesados golpes do destino como o suave sono, cai na industriiosidade de sua própria oficina de trabalho. E o círculo de sortilégio dela, ele traça no fragmento. “Gênio é industriiosidade”. (BENJAMIN, 1995).

Nas páginas datilografadas de *Sangue na Boca*, Walmir Ayala aposta radicalmente nessa forma de fazer diário, ou seja, marcada antes pelas suas reflexões do que pelas ações diárias e apresenta suas oscilações, principalmente no que se refere às questões religiosas, espirituais e sexuais. E apresenta um texto em recortes, fragmentado, em que há uma série de cartas não enviadas, bilhetes, poemas, diálogos. Há ainda, em alguns momentos, um olhar de cronista para o circunstancial, para os flashes do cotidiano, sempre carregado de poesia.

A anotação que abre o *Diário IV*, datada de 2/1/1962, refere-se ao compromisso para o novo ano:

Retiro a folhinha velha do suporte da agenda. (...) Estou com toda a probabilidade de um tempo novo diante de mim. (...) E mergulharei. Pode ser este o ano de minha morte, da minha glória, da minha miséria – que eu sei de mim, em realidade? Mas disponho deste instante, deste meu corpo que resiste, desta minha alma que palpita. Disponho para a alegria e para o abismo, e este dispor é minha arma.(f.1)

O que se observa é uma disposição para a vida, Walmir apresenta-se passional, sentindo as dores e alegrias cotidianas com profunda intensidade, em corpo e alma, que para ele também se apresentam de maneira dicotômica. A impressão para o leitor é a de que há um homem que se gasta, nunca se poupa.

Em poucos dias uma série de aventuras. A atração carnal, uma vez satisfeita, me traz um profundo desgosto. Não nasci para viver em paz com a libertinagem. Armo uma série de ansiosas mentiras de amor com que embriagar e embriagar-me. No dia seguinte, é aquele enjoo, aquela ressaca absurda. Não podemos avaliar a nossa verdade: o que nos concedem é insuficiente, o que queremos é demais. Jamais o equilíbrio.(f.7)

A convicção católica de Walmir Ayala que vai de encontro à sua opção sexual é muito refletida nas anotações diárias. Pode-se perceber uma recorrência nos questionamentos sobre a noção de pecado, de comportamento ou atitude que o afasta do Deus e o escritor ao mesmo tempo em que traz uma convicção sua a respeito, também acata a supremacia da igreja.

Lurdes me instiga à confissão. Eu mesmo tenho desejado isso há tanto tempo, e agora mais do que nunca. Mas temo. Em primeiro lugar por causa da noção de pecado. Vejo o pecado sob dois aspectos: a) o que eu considero pecado; b) o que a Igreja me diz que é pecado. Dos primeiros estou firmemente arrependido, e disposto a não repetir. Dos segundos, não. No máximo, controlar-me para não cair em estado de vício. Mas uma vez que decido confessar-me, e a confissão é um Sacramento da Igreja, devo acatar o que é determinado por ela como culpa e penitência. (f144)

Nesse sentido, percebe-se uma profunda dicotomia entre alma e corpo. Nas experiências, o corpo estará sempre sujeito às dores, à exploração, à falta de controle e provocará sentimentos de profundo desgosto e arrependimento. Para não sentir a culpa é necessário disciplinar o corpo. David Lapoujade, em seu ensaio “O corpo que não agüenta mais” (LAPOUJADE, In. LINS, 2002), reflete sobre a reação do corpo ante as exigências culturais e afirma que qualquer corpo sempre *não aguenta mais* aquilo a que é submetido do exterior, ou seja, ao adestramento e à disciplina:

As páginas essenciais de Nietzsche, em *A genealogia da moral*, ou as descrições de Foucault, em *Vigiar e punir*, são decisivas a esse respeito: trata-se de formar corpos e de engendrar um agente que submeta o corpo a uma autodisciplina. Em Nietzsche, é um corpo animal (que é preciso adestrar) e, em Foucault, um corpo anômalo (que é preciso disciplinar). E, através das páginas esplêndidas de Nietzsche e Foucault, é todo um sistema de crueldade que se impõe aos corpos.(p. 84).

O prazer carnal torna-se um fastio, carregado de ressentimentos. Em contraponto, o amor verdadeiro é uma ascese, dispensa o contato corporal. “Na verdade, o ser humano nasceu para a pureza e, ainda que o ato sexual não signifique impureza, a repetição desordenada e gratuita do jogo do amor vai diluindo a emoção, vai desvirtuando o êxtase”. (f83) O diarista parece viver nessa corda bamba, profundamente voltado às paixões e sofrendo por elas, sem poder contar com o equilíbrio de um amor integral e sem culpa.

Cada vez me convenço mais de que a paixão sexual tem pouco a ver com o amor. Ou, por outra, que o amor não depende de um exclusivo entusiasmo sexual. Na ligação física há o interesse imediato e fugaz que dura o tempo de um orgasmo e, quando muito, de uma sábia manutenção erótica. O amor, já num plano completamente estranho, vive de renúncias físicas, de uma doação integral, de uma genuflexão humílima, de um temor, de uma esperança que a exaltação sexual não supre. E de tanto se amar, quando o amor é definitivo, chega-se ao êxtase. É certo que o objeto quando amado desperta sempre, ao fim, um desejo de fusão corpórea, mas como um complemento que nada acrescenta à densidade inicial.

Toda a loucura de amor, num par fundamentalmente unido pelo espírito, é como a cobertura férrea que contivesse uma rosa. (f. 12)

Em alguns momentos, as anotações aproximam-se de preces tanto pela condição apelativa como pela troca de pronomes de terceira para segunda pessoa que promove uma conversa com Deus. O diário íntimo torna-se um espaço de confissão, remissão e contato com a transcendência e clama palavras de um poeta confessor. “Aceitei convites vulgares, enlouqueci sobre a carne com uma paixão sombria e desprezível.(...) e agora meus olhos reclamam nublando-se, nublando-se e fugindo, fugindo e me apunhalando de remorso”.(f.78) “Eu creio em Deus porque tu me dás a enorme chance do paraíso. Um paraíso que desenho quase sozinho, do qual concedes as linhas gerais, o manso vento, a tua saudade da morte, a tua melancolia, o teu cansaço. Fechado em tua mão eu deixaria meu pensamento”.(f65) Nas páginas do diário estão expostas as leituras dos poemas de São João da Cruz, das cartas apaixonadas de Soror Joana de Alcoforado marcando ,também, influência na visão de amor ascético e impossível.

Chama à atenção o número de reflexões feitas pelo diarista a respeito da relação entre o homossexual, as mulheres e a sociedade em seu todo. Observando o momento atual, ainda tão preso a convenções, custa-se acreditar numa visão tão otimista em relação à tolerância à liberdade sexual apresentada pelo escritor. Afinal, o país se debate na aceitação de direitos civis para casais homoafetivos e posiciona-se, em grande parte, contra a expressão pública do homossexualismo. O diarista, entretanto, numa anotação de 1-3-191962, assinala:

No homossexualismo, tanto masculino como feminino, só a essência importa, já que a forma é um entrave à aceitação. Falo em termos de vivência comunitária, não discriminatória, o que só será possível quando todos encararem a verdade mais profunda do outro e respeitarem a imagem assumida. Pode um corpo masculino resguardar uma alma feminina, e vice-versa. Na medida em que esta fatalidade não merece respeito acontecem as caricaturas, que mais agravam o problema. Mas a tendência é de se entender a naturalidade destas pequenas distorções da convenção, e o Brasil, sem dúvida, é o maior país do mundo nesta conquista, o mais generoso, aberto e digno. Refiro-me à dignidade do respeito

À liberdade, que não pode ser limitada às fronteiras políticas e sociais, mas a um esquema bem mais abrangente do humano. (f.9)

Em contraponto, há certa tendência a rivalizar com o feminino. Não é uma visão misógina, mas, nas reflexões, o diarista apresenta o sentimento do sexo oposto como o de perda diante do homossexualismo. O homem indisponível é uma frustração para a mulher, o homossexual fere a capacidade da fêmea de seduzir o macho, além da perda de espaço.

O que as mulheres não perdoam nos homossexuais masculinos não é o fato deles pretenderem imitá-las, mas por significar, cada um deles, um homem que lhes é roubado. Há em cada homossexual para elas o espectro de um homem, sob o qual inalcançável, subsiste o homem, mutilado. A frustração que cada homossexual representa para a voragem natural da fêmea é o núcleo dessa inimizade ancestral, inabalável e intransigente para com a raça de Sodoma. (f17)

O homossexual seria a serpente na simbologia bíblica da queda. O ser para o qual Deus teria dito: “Eu porei inimizade entre ti e a mulher” – mas inimizade à custa de uma fatal intimidade, para sempre. A serpente circunda a mulher com seu silvido. (f.82)

Deus jamais foi figurado como mulher. Logo, não é amando a mulher que o atingirei. Deus é o Homem, o macho absoluto que se fecunda a si mesmo e gera o amor. A máquina total que se movimenta e gera luz. A força sem impulso, que impulsionando a si mesma gera o Nada. (f. 10)

É importante ressaltar aqui a relação do artista com o assunto, com base na própria história vivida por ele. Walmir Ayala sofreu um trauma na infância com a perda da mãe, morta pelo pai para defender a honra numa traição. A incapacidade de lidar com sentimentos tão contraditórios afeta a relação dele com a figura feminina. Esse tema é recorrente no diário. Walmir explicita os seus dramas, reconhece limitações, dificuldades. O diário é um exercício de entendimento, purgação, análise do sofrimento e do sentimento em relação à mulher. E não é apenas no gênero diário que exercita essa remissão, mas também no romance. Será por meio de um romance que procurará explicitar sua história e enfrentar seus traumas. Em suas reflexões, ele confessa:

A minha luta com a mulher é eminentemente crítica. Rompi com a mulher quando tomei consciência da morte trágica de minha mãe. Então, como com a serpente do paraíso, contraímos inimizade – e tudo vem se reconstruindo através de lances passionais. Estou sempre pronto a exigir o máximo da mulher, e não transigir. Ao mesmo tempo, tudo me leva a confiar nela, a adormecer em seu seio de mãe, com uma saudade mortal. (f77)

Dessa forma, percebem-se as experimentações literárias presentes no diário de forma recorrente. O romance *À beira do corpo*, por exemplo, lançado em 1964, e considerado, na trajetória de escritor, o de maior sucesso, é motivo de inúmeras citações em *Sangue na boca*. O romance é assunto preponderante porque está baseado na própria e trágica história familiar do escritor.

A história se passa numa pequena cidade do interior gaúcho, a personagem Bianca trai o marido e conta com a cumplicidade da empregada. Mas o adultério é descoberto e o marido lava a honra com o sangue dos amantes. O enredo incrusta a realidade da infância, a escrita traz à tona o golpe do passado para remissão. O diarista exprime uma sensação de liberdade ao recriar aquela história. Nesse caso, parece funcionar com remédio, o romance é *pharmakon*: “Tenho um romance acabado e outro começado. Escrevi-os para aprender a perdoar, para encontrar as razões do perdão. Todos os personagens estavam erguidos diante de mim, à espera de um pronunciamento. Para bem de minha alma eu os perdoei, e perdoando me salvei do ressentimento”. (f.46)

Entretanto, não deixa de ser também uma preocupação. Um romance baseado em uma história familiar, com tantos personagens com referências reais e profundamente envolvidos na trama era para desafiar sentimentos, esperar reações, contar com o entendimento da exposição. “Com a editora “Letras e Artes” os originais do meu romance *À beira do Corpo*. E o medo, agora, de lançar o livro, pelas pessoas vivas que nele se reencontrarão, em fatos que gostariam de ver apagados, ou melhor, inexistentes.” (fl102)

A escritora Maria Helena Cardoso, amiga incondicional, quando lê os originais se espanta, repreende-o, entretanto a escrita como uma forma de libertação fazia-se maior, e essa intenção o diarista explicita inúmeras vezes pelas anotações, é pelo diário que justifica sua escolha aparentemente cruel.

Lelena me chama a atenção para a crueldade que seria para com os meus pais se eu publicasse agora o romance que acabo de escrever e que ela está lendo. Na verdade, não pensei nisto nem quando o escrevia, nem quando o inscrevi num concurso. Publicá-lo foi meu intuito desde a primeira página. Nele procurei transformar uma tragédia humanamente terrível num instante de beleza. Situei a fatalidade do pecado e da penitência. No entanto, Lelena coloca o problema gravíssimo da significação que esta história teria para minha família, ergue a possibilidade de afetar meu pai até a morte. Pouco a pouco Lelena me encarcera num temor que é maior do que o gosto colorido de ter escrito o

livro. Tudo que venho escrevendo, tem sido rebeldia, maldição, apelo e advertência. Este livro, especialmente, eu escrevi para me esclarecer, para perdoar e me perdoar, para me curar de um complexo de culpa, ou pelo menos tentar ver as coisas de um ponto de vista mais humano. Será que os outros, aqueles que Lelena quer preservar, se o lessem não se sentiriam também mais aliviados? Mas estou certo de que não lerão, e esta é uma razão a mais para que o publique já. (f.90)

É possível observar a relação visceral do diarista com sua escrita literária, que não é apenas o exercício de estrutura, de arte da palavra, mas um processo de salvação para ele. Escreve para respirar, para não morrer, para resistir, pois

o escritor, enquanto tal, não é doente, mas antes médico, médico de si próprio e do mundo. O mundo é um conjunto de sintomas cuja doença se confunde com o homem. (...) A literatura aparece, então, como um empreendimento de saúde, não que o escritor tenha forçosamente uma saúde de ferro (...) mas ele goza de uma frágil saúde irresistível que provém do fato de ter visto e ouvido coisas demasiado grandes para ele, fortes demais, irrespiráveis... (p.14).

Em momentos no diário, chega a analisar sua relação com a literatura. Reconhece que seu encontro com a poesia foi extremamente ligado a um processo de conhecimento e aceitação.

Não poderia mesmo me condicionar ao que os outros esperam de mim. Não poderia jamais. Seria como agradar a todos, e há quem faça disso uma profissão bem sucedida, especialmente na literatura. Sou o produto de uma infância trágica. Aos quatro anos assisti a uma tragédia de sangue dentro de minha casa, via a agressão em seu grau mais sórdido e mortal, e isso foi um golpe para a minha inocência. Fui vítima de uma solidão sem nome, refugiei-me na religião. Aí aconteceu a poesia, que era uma forma de me autoanalisar, de liberar toda a reserva de amor capaz de me salvar. Porque, passada a adolescência, comecei a perceber que estava errado, que eu não era vítima de ninguém, senão das circunstâncias. E comecei a recuperar a humanidade, as pessoas. Valorizei a amizade, me reconciliei com meu próximo e fui razoavelmente feliz. A poesia me salvou, sei disso, e não posso tratá-la, ou usar dela como um enfeite social, uma base de vaidade. (f 20)

Dessa forma, podem-se perceber duas posturas claras no escritor. A primeira delas é a dificuldade de lidar com a arte pela arte. Para uma artista que faz uma literatura pautada nas emoções vividas, seria sempre necessário haver um elemento orgânico nas obras. É fácil observar isso em várias anotações diárias:

13-4-1962 – Hoje o lançamento de um livro de um poeta concretista no qual não acredito. Vou. Mas sinto que o rapaz não é poeta, e confunde sentimento poético e armação de poema. É o poema reduzido a espinhaço, um branco espinhaço que não evoca, sequer, a carnação verdadeira do peixe que foi. (f.)

31-08-1963 - Visito Lygia Clark. É a pessoa que sem dúvida me dá a maior impressão de vitalidade criadora, levada às últimas conseqüências. De tão criativa e inquieta fica sendo quase que exclusivamente experimental. Salva-se disso por uma vocação irresistível para a vida e a aventura. Hoje ela me fez ver e praticar uma de suas experiências, a mais nova, o jogo dos “caminhando”. Com uma tesoura e papel, Lygia põe em nossas mãos o fulcro de uma emoção criadora, e um mundo de sugestões. Para concluir me revela qual o seu sonho no momento: sair pelo mundo, ciganamente, fazendo “caminhandos” com o povo. (f.126)

Sou poeta, e o poeta é contra a morte. (...) Assim, o poeta encanta a serpente e vive. A obsessão de iluminar a morte nada mais é do que uma afirmação de vida, um desejo de projetar a vida num espaço conceitual onde tudo é mistério. Estamos vivendo um momento, aqui e agora, em que o poeta é muito desafiado ao engajamento político. Para mim, uma fórmula inaceitável, porque a política desagrega e vicia, as causas partidárias são inevitavelmente tendenciosas, e o poeta tem que cantar para todos. Canto para um tempo em que todas as ideologias terão sido testadas, para o homem sobrevivente. (fl. 100)

A outra postura é a relação escritor/obra/público/mídia. Fica clara a dificuldade do escritor de entender as badalações comerciais e sociais promovidas em festas literárias. Parece existir, para ele, um desejo de intimidade entre autor e leitor muito mais próprio pela via da própria leitura, e não das exposições sociais. Atualmente, com um mercado tão focado na exposição do autor, com feiras em que os autores tornam-se *superstars* seria ainda muito mais difícil para o escritor conviver.

16-7-1962 – Hoje mais uma noite de autógrafos, coisa que cada vez mais me apavora. Vou, atendendo a Carlos Ribeiro, que telefonou pela manhã insistindo. Mas que sentido terá isso? Uma festa social em torno do livro é um paradoxo, considerando-se o fato de que o escritor se esconde sempre atrás do livro. No livro, o escritor quer ser um íntimo de cada leitor, e pressupõe que todos somos seus leitores. Nestas festas literárias colocam o escritor e seu livro, como o tocador de realejo e sua máquina. Mas nem o livro canta, nem o autor tem a graça e a disponibilidade do tocador de realejo. Chegam os primeiros exemplares do meu Diário. A capa de Loio



Persio é perfeita. Gumercindo Rocha Dórea, muito animado me relata o plano heróico de um elenco de nomes não imediatamente comerciais, como Nélide Piñon e Samuel Rawet, entre seus editados. Enfim um editor de coragem. (f.33)

Tal posição não sugere uma falta de aproximação com o público. A questão é mais a negação do comercial pelo comercial, da posição deslocada do artista em relação à arte. O escritor privilegia a divulgação da literatura. É fato que Waldir Ayala trabalhou muito para isso. Escreveu inúmeros livros infantis e, junto a outros escritores, levou o seu trabalho a muitas escolas, fazendo incursões por várias cidades, com certeza estimulando uma série de novos leitores.

23-9-1963- Preocupação com o momento que vivo. Escrever é meu ofício me mantém vivo e livre. Apavora-me a idéia de vir a perder a coluna de um jornal, o que não é tão comum. Minha seção infantil, no Jornal do Brasil, por exemplo, foi reduzida. Mau sinal. Tenho consciência de que faço algo de único, neste sentido, em termos nacionais. Mas os temas sensacionalistas, impactantes e triviais vão se ramificando, espalhando-se como cânceres. E a poesia cada vez mais alijada. Vaticino um tempo em que não haverá lugar para poesia na imprensa diária. Consola-me saber que com ou sem coluna, permanecendo ou não, visível ou obscura, a poesia é que fica. Tudo o mais é efêmero. (f.128)

É muito interessante também observar, no diário, as circunstancialidades, o cotidiano transformado em poesia. As anotações, às vezes, apresentam-se com o olhar do cronista. São as percepções, os gestos, os diálogos das cenas banais do cotidiano que o diarista recria com um toque de lirismo, transformando o breve instante em reflexão e complexidade.

31-10-1963 – Vejo com mais nitidez a trama das pequenas maldades. Hoje, na rua, uma mulher jovem puxava um menino de uns quatro anos de idade. Levava-o aos tirões, beliscava-o de vez em quando e o olhava com um olhar duríssimo, os lábios rijos, como se fosse amaldiçoar. Que desgraçada deve ser esta mulher! O menino cruzava os braços castigados e olhava a mulher com uma angústia, com um 'por quê' mudo naquele sofrimento incompreendido. Procurei interceptar também aqueles olhos cruéis. E senti que ela entendeu o meu protesto. Depois entrei numa sala onde todos riam e lembrei de Hitchcock. Bom material para o suspense, este riso nervoso e histérico, sem palavra, com que as pessoas se ligavam no 11º andar de um edifício comercial. Do elevador saiam homens, todos velhos e cansados, todos transpirando, engravatados, empregados pela vida, silenciosos e sem sorriso, com olhos arregalados de espanto e temos. Do elevador saiam homens. (fl.134)

É com esse olhar diferenciado que recria o último encontro com Mário Faustino, morto em acidente aéreo dias depois.

Havia naquele momento uma tarde tão clara em redor de nós, o sol era tão pleno que eu não imaginava que se morresse. Depois ele me relatou planos: iria ao México, Cuba e Estados Unidos. (...)

Transcrevo aqui nosso último diálogo:

- Vou-me embora.

- É cedo. Você não ficou nem quinze minutos.

- Tenho um encontro de amor. Isso é muito importante.

- Deixa esse encontro. Fica conosco (eu havia bebido um pouco e estava mais afetuoso com ele do que de costume).

- Tenho que ir. É um encontro importante e é a última vez.

Francisco aparteou:

- Por quê? Não volta mais dos Estados Unidos?

Ao que ele respondeu levantando-se:

- É a última vez nesta fase. Depois tudo recomeça.

Era realmente a última vez para o amor e para a nossa incompleta amizade. (62)

Da mesma forma, reconta o encontro com uma conhecida numa festa:

15-8-1962 – Reunião no ateliê de Luiz Bandeira de Mello, uma estranha reunião de silêncios, jazz, música eletrônica e Bach. Uma mulher conhecida me interpela:

- O que tem para beber?

- Conhaque – respondo.

- Só?

- E uísque.

- Não tem outra coisa?

- Desespero.

- Não há o suficiente para mim.

Ela se afastou com dureza. Espero o fim da noite, quando ela vem se despedir. Olho para seus ombros nus, para sua carne triste. (...) Ela me aperta a mão e eu devolvo a frase provocada no nosso diálogo interrompido no princípio da noite:

- Você vai sair assim tão embriagada?

Além disso, o diário traz uma série de pedaços de cartas não enviadas, bilhetes, poemas feitos em arroubos: “Anotações para resposta de uma carta de Jorge Mautner, não concretizada:...(105), “Bilhete a Regina Rosemburg:...(81), “Mourão me ensina a beber licor de menta, um novo sabor em minha vida. Hoje escrevi um poema sobre esta pesquisa gustativa:..(122), “O Presidente John F. Kennedy acaba de ser assassinado. Escrevo, em sua intenção, uma elegia:”

Nas anotações diárias, portanto, o escritor faz confissões, esboça bilhetes, cartas, poesias, crônicas, romance, faz análises críticas da arte e da literatura. O diário apresenta-se como oficina. Neste lugar, ele experimenta e

avalia suas criações. “A tarefa de escrever meu primeiro romance me absorve.(...) sei que aprenderei o gênero. Estou aprendendo. Mas reconheço (e enfrento) a dificuldade de dominar suas exigências estruturais.” (f.17)

A publicação de diários também é trazida à tona, a partir da preocupação com as revelações íntimas próprias do gênero. São inúmeras anotações a respeito da leitura do diário feita pela família e pelos amigos: “Amanhã, o aniversário de meu pai. Como agradecer-lhe por ter aceito meu diário? Como agradecer-lhe a dignidade com que me liberta para ser a criatura que me cabe?” (fl. 55), “Hoje carta de minha cunhada, um pronunciamento a respeito do meu diário que me encheu de paz.(...) A onda de amor que liberei em minha prosa confidencial foi entendida.” (fl55), “29-6-1962 – Dia santo. Meu diário, mesmo antes de ser publicado, já é comentado com despeito, o que me dá bem a medida do que terei que enfrentar. Alguém que leu as provas teria comentado, numa roda, que o livro é imoral e que nele eu falo mal do Lúcio.” (fl.31)

Investir na publicação de um diário provoca apreensões. Deve-se observar que, em geral, há controle e não censura. Como já afirmara Costa Lima, em *Sociedade e discurso ficcional*, a censura acontece de fora para dentro de um texto, enquanto o controle tem movimento contrário (1996). Walmir Ayala não se preocupa com a censura ao expor sua história traumática, sua homossexualidade, mas controla certos acontecimentos para preservação própria e dos outros e por sentir que certos detalhes não seriam necessários, seriam apenas uma exposição inútil da intimidade. Isso é notado claramente nos seus fragmentos quando rejeita a censura e controla a escrita de algumas situações.

Mais uma carta de um amigo do sul apreensivo com o andamento das confissões expressas no meu diário. Foi disto que eu fugi quando mudei para o Rio de Janeiro em 1956, seria absurdo agora deixar-me influenciar, depois de tanto caminho andado, pelas mesmas e caducas restrições. Este amigo que me escreve ficou parado no tempo, protegido por vetustas paredes de uma dinastia decadente. Eu estou à mercê da minha vida, do lado de fora, exposto e talvez vulnerável. Mas completo. (f.10)

Depois de “fazer amor” com quem não amamos, a sensação é simplesmente de um exercício exaustivo e quiçá rendoso do ponto de vista da emoção. Mas só tocar no corpo da pessoa realmente amada, é como um ato extremo. Por isso não registrarei aqui, jamais, as simples entregas

físicas com que me vitimo em minha antropofagia exaltada e passional. Isto não interessa, porque não me interessa, e deixa apenas a vaga sensação de flor pisoteada, e um amargo malentendido na alma que sempre participa um pouco dessas fúrias. Aqui registrarei sempre o milagre repetido e real do amor. (f.11)

*Sangue na boca (Diário IV)* traz um artista despojado e passional, é um rico inventário de uma vida intensa e dedicada ao trabalho artístico, além disso, apresenta uma memória cultural e artística. Walmir Ayala dedicou-se anos às escritas diárias, aos registros dos relances cotidianos sempre permeados de poesia, transfigurando-os e dando-lhes a força que possuem, pois reconhecia a densidade de viver. É assim que finaliza a anotação do último dia do ano de 1962:

A vida é um instante rápido, por mais longa que seja. E nós fragmentamos a vida em datas de esperança, como quem toma fôlego entre um mergulho e outro. Nestas datas nos julgamos intimamente bons, choramos pelos erros cometidos. Tudo com mais intensidade porque sabemos que naquele momento o exame de consciência é coletivo. Não é para festas que o nosso coração foi chamado, é para o luxo de viver. (f73)

## Referências bibliográficas

As citações do *Sangue na Boca (Diário IV)* foram indicadas a partir da numeração das folhas organizadas e encadernadas do diário. Todo esse material está sob os cuidados do crítico André Seffrin, responsável pelo arquivo do escritor.

AYALA, Walmir. *À beira do corpo*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2007.

\_\_\_\_\_. *Diário I. difícil é o reino*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 1962.

BENJAMIM, Walter. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BLANCHOT, Maurice. *O Espaço literário*: trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

\_\_\_\_\_. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 1994.

COSTA LIMA, Luiz. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

LAPOUJADE, David. O corpo que não agüenta mais. In: LINS, Daniel e GADELHA, Sylvio. *Nietzsche e Deleuze: Que pode o corpo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. (Coleção Outros Diálogos).